

---

FORÇAS ARMADAS E SOCIOLOGIA

---

*Manuel Vasques Braz da Costa*

---

## FORÇAS ARMADAS E SOCIOLOGIA

---

### I. A SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA SOCIAL

Aparecendo pela primeira vez pela mão de Augusto Comte, para designar com um nome especializado o estudo científico das leis dos fenómenos sociais, a Sociologia desenvolve-se em resposta às evoluções que a Europa sofre após a Revolução Francesa.

O sociólogo quer compreender e explicar cientificamente a nova sociedade.

Comte, Tocqueville, Spencer e Marx, entre outros, defendem critérios diferentes: o político (a democracia) para Tocqueville, o tecnológico (a indústria) para Saint-Simon e Spencer, o socioeconómico (relações capitalistas de produção) para Marx e Proudhon.

Nos finais do século XIX princípios do século XX a Sociologia torna-se mais segura da sua vontade de ser uma ciência igual às outras.

Durkheim, Max Weber e Pareto conseguem, através das suas obras, cimentar o tempo da renovação. Instala-se o debate metodológico e epistemológico. Durkheim aproxima a Sociologia das ciências exactas e naturais ao considerar que «os factos sociais são como as coisas», enquanto Weber diferencia as ciências da natureza das ciências *históricas*, as primeiras por exigirem a explicação e as segundas a compreensão, ou seja, a procura de significações. Por outro lado, Pareto, no seguimento de Maquiavel, privilegia o político mas opõe-se à ideologia democrática e à teoria marxista através da sua explicação da dinâmica política pela luta das élites.

Mas o curioso é verificar-se como os maiores autores apontam nas suas obras os mesmos princípios epistemológicos.

O método sociológico, por exemplo, é o mesmo quer se trate de Marx, Durkheim ou Weber, apesar de quase tudo o mais os separar noutros planos.

Para qualquer deles os factos sociais são independentes dos indivíduos que formam a sociedade, a sociedade e não os indivíduos a causa desses

factos. E para os estudar, só uma ciência da sociedade, a Sociologia, que privilegia o todo social em detrimento das partes.

O político, o económico, o militar, o religioso, o urbano, o rural, as relações de trabalho e todos os outros aspectos que formam a sociedade não são mundos fechados e isolados, antes realidades sociais que se interligam numa teia emaranhada de relações. Alguns destes aspectos da sociedade são actualmente objecto de estudo de ramificações, especializações da Sociologia. Esta fornece àquelas os seus fundamentos, os seus métodos e técnicas, enriquecendo o seu *corpus* com os conhecimentos que individualmente cada uma delas vai adquirindo.

Mas a sociologia não é a ciência dos *grandes feiticeiros*, dos terapeutas dos inconvenientes provocados pelo progresso, nem a dos *retóricos*, que tudo explicam e tudo justificam e, muito menos, a dos herdeiros dos sufistas e da técnica de ensinar ao demagogo a arte de persuadir o povo.

A Sociologia é, antes de mais, a ciência que procura compreender uma dada situação social no seu todo, utilizando o criticismo e a acção desmistificadora para *ver* para além das estruturas sociais e dos *problemas* que lhe são presentes. E é precisamente esta capacidade interpretativa que torna relevante a sua função como ciência social.

## II. PORQUÊ UMA SOCIOLOGIA MILITAR

As novas potencialidades da sociologia, derivadas essencialmente da combinação das análises qualitativa e quantitativa, levam uns a interrogarem-se sobre os objectivos dos seus trabalhos e métodos, enquanto noutros despertam inquietações por verem as Forças Armadas como objecto de uma ciência vocacionada para a crítica social que, noutros campos, produziu algumas alterações de vulto.

Apesar das problemáticas da guerra e da moral dos militares terem inquietado os mais brilhantes pensadores, o estudo da coisa militar segundo a perspectiva sociológica só começa a adquirir algum sentido a partir dos anos trinta com os trabalhos de Quincy Wright e Harold Lasswell, bem como de Pitirim Sorokine (sociólogo americano de origem russa) e, durante a Segunda Guerra Mundial, com as investigações da equipa chefiada pelo sociólogo Samuel Stouffer.

Mas é a partir dos anos sessenta que o estudo da *res militaris* se modifica de maneira sensível. Com efeito, a iniciativa do sociólogo Morris

Janowitz em criar o Seminário Inter-Universitário sobre as Forças Armadas e a sociedade (I. U. S.), vem contribuir para a institucionalização da Sociologia Militar (<sup>1</sup>).

Reunindo investigadores de vários países, o I. U. S. desenvolve a partir de então uma acção segundo três vectores:

- delimita o seu domínio temático que engloba as relações entre civis e militares, as instituições (organização e profissão) e os conflitos armados (razão de escolha do vocábulo «Forças Armadas e Sociedade»);
- procede à organização da temática definida, à criação de uma infra-estrutura conceptual de carácter interdisciplinar, bem assim ao ordenamento metodológico e de convenções de análise científica, tendo como objectivo dotar a nova disciplina de legitimidade científica;
- promove reuniões científicas (conferências bianuais), participando igualmente nas actividades das principais Associações de Ciências Sociais.

Decorrente destas actividades, o I. U. S. promove a produção e a disseminação e de obras sobre o facto militar, principalmente através da revista «Armed Forces and Society», procurando deste modo desenvolver a legitimidade científica da disciplina segundo a óptica de Morris Janowitz.

Sem negligenciar os investigadores europeus, principalmente franceses, ingleses e italianos, que nos últimos anos se dedicaram ao estudo da instituição militar, mas com a consciência de a sua contribuição, apesar de importante, ser minoritária no seio do *corpus* desta disciplina, pode afirmar-se que muito do que hoje existe neste novo campo se deve a investigadores americanos ou radicados nos Estados Unidos.

Não será, pois, de estranhar que seja nos seus trabalhos que se procurem as bases e os exemplos para pesquisas similares noutras latitudes, ou para justificação de algumas afirmações.

As relações estabelecidas entre a Sociologia e as Forças Armadas devem ser entendidas segundo um duplo interesse. De um lado, uma ciência social em desenvolvimento que *descobre* uma instituição que, ao longo dos tempos,

---

(<sup>1</sup>) Este termo é aqui utilizado como equivalente da expressão *Forças Armadas e Sociedade*, expressão que tende a substituir-se à de *Sociologia Militar* de conteúdo mais restritivo.

se tem apresentado com fronteiras bem definidas relativamente à sociedade global de que é parte integrante e cuja actuação, nessa ou em outras sociedades, provoca geralmente alterações significativas. Do outro lado, as Forças Armadas que vêm na Sociologia um indispensável e preciso auxiliar na acção de comando, ao possibilitar outros conhecimentos que facilitam a decisão.

Na verdade, a arte de comandar tornou-se cada vez mais difícil, não porque os meios, homens e materiais, tivessem fundamentalmente mudado de natureza, mas porque a convencionada *crise da civilização* não deixou de afectar os exércitos. As mentalidades e as atitudes dos homens sofreram rápidas transformações e ao desenvolvimento do individualismo, que afectou as comunicações entre comandantes e subordinados, vem juntar-se a técnica crescente dos materiais, a divisão do trabalho, as especializações cada vez mais variadas dos homens e das unidades. E os comandantes que dirigem estes conjuntos não só não podem estar presentes por todo o lado, como também a sua competência não se estende a todas as ramificações das actividades que coordenam. Apesar da sua experiência e aptidão, apesar da tradicional preocupação pelo factor humano, o contacto hierárquico é agora um meio mais difícil e menos profundo do que há 20 ou 30 anos.

O mundo militar é dilatado, complexo e, além do mais, processa a *administração da violência organizada*. Nele coexistem homens (em alguns exércitos também mulheres, o que naturalmente colocará outra espécie de questões) das mais diversas proveniências, com diversos estatutos, desempenhando papéis rigidamente diferenciados, obedecendo a rituais e ao culto de um conjunto de valores específicos ou de virtudes militares, com materiais dos mais simples aos tecnologicamente mais avançados.

É uma instituição que vive com militares profissionais, com jovens recrutados e com elementos civis. Cada um destes grupos de seres sociais coloca tipos diferentes de questões a serem equacionadas, além das inerentes ao inter-relacionamento entre si. São, por exemplo, as relações de poder desenvolvidas pelos profissionais e pelas suas élites, os estabelecimentos de estratégias para o desenvolvimento das suas carreiras, as motivações que os levam a escolher a carreira das armas ou, mais tarde, a abandoná-la, as «zonas de incerteza» (2) que percorrem o universo das carreiras ao nível

---

(2) Expressão do vocabulário de Michel Crozier, *Le Phénomène Bureaucratique*, Paris, Ed. du Seuil, 1970, p. 196.

dos diferentes extractos profissionais, os estatutos e regalias diferenciados para os profissionais *técnicos de combate* e *técnicos industriais*; as diversas questões camufladas pela uniformidade exterior dos protótipos de *homens socializados* que são os jovens alistados que passaram a sua vida no mundo civil e que, a partir de dado momento, se vêem integrados numa organização que os vai talhar e modificar tendo em vista a harmonia do conjunto. São igualmente as mudanças estruturais da própria instituição, com reflexos principalmente a nível das mentalidades dos «novos militares» (3) e do conteúdo das novas tarefas, ambas decorrentes do declínio do «exército de massas» (4), das mudanças de formas de guerra, da rápida transformação e obsolescência tecnológica dos materiais, da evolução das técnicas de gestão e dos processos do sistema educativo e dos conhecimentos, bem como de um estado de «não-guerra que é também de não-paz» (5).

Por outro lado, integrada na sociedade civil, a instituição militar mantém com estas relações/tensões em que os sujeitos são o profissionalismo e os desenvolvimentos social, político, ideológico, económico e tecnológico. Estas relações, circunscritas no conceito *civil-militares*, são fonte de inúmeras investigações que têm permitido estudos e análises comparativas dessas relações entre diversos sistemas políticos.

Se estas são, entre outras, questões que merecem a atenção dos investigadores, o interesse das Forças Armadas pela Sociologia não é menor.

Foi esta circunstância que levou à criação, durante a Segunda Guerra Mundial, da Research Branch, dirigida pelo sociólogo Samuel Stouffer.

As investigações da equipa de Stouffer (130 especialistas), conduzidas em todos os teatros de operações, tinham como finalidade a resolução de problemas práticos tais como a adaptação dos mobilizados à vida militar; relações de enquadramento (saídos de uma sociedade liberal, os mobilizados sentiam-se frustrados perante o desencorajamento sistemático da iniciativa individual, diante do *autoritarismo* e os *privilégios* julgados exorbitantes dos quadros); melhoria das relações raciais (foram feitas as primeiras experiências de integração e os seus resultados levaram o Presidente Truman, em 1948,

---

(3) Janowitz, Morris *O Declínio dos Grandes Exércitos*, in *Military Review* (Ed. Brasileira), Fevereiro de 1962, pp. 11 a 16.

(4) *O Declínio dos Grandes Exércitos*, op. cit.

(5) Macary, Pierre Saint, *Vivre L'arme au pied* in «La sagesse et le désordre France 1980», Bibliothèque des Sciences Humaines, col. nrf-Gallimard, pp. 195 a 217.

a decidir a dessegregação total das Forças Armadas americanas, numa época em que a sociedade civil se regulava pela segregação racial); estudo dos efeitos das políticas de promoção; estudo das prioridades para a desmobilização e para projectos de carreira pós-desmobilização (que permitiu a preparação de uma lei federal facultando aos antigos combatentes a possibilidade de começar ou retomar estudos a expensas do Estado) (6).

Um dos aspectos mais relevantes destas investigações foi a descoberta de razões ideológicas que levavam os soldados americanos a bater-se *menos contra o inimigo que pelos seus camaradas e quadros com quem estavam em interacção constante na secção, no pelotão ou, quanto muito, na companhia.*

Esta importância do *grupo elementar* que fornece ao combatente normas de comportamento e o sustentáculo afectivo que ele necessita, foi igualmente sublinhado por um segundo estudo conduzido por Edward Shils e Morris Janowitz (7).

Após o desembarque nas praias normandas, as forças americanas encontraram-se perante uma extraordinária resistência das forças alemãs, não obstante o desgaste provocado por quatro anos de guerra.

Para evitar difíceis operações de limpeza e obter rendições localizadas, tentou-se, em primeiro lugar, compreender a lógica da combatividade das forças alemãs.

Não havia deserções ou tentativas de rendições como resultado de uma acção organizada pelas praças, antes um grau elevado de coesão e uma relativa eficácia no combate.

As técnicas utilizadas, entrevistas a prisioneiros de guerra e análise de conteúdo de documentos capturados, permitiram infirmar a hipótese de partida.

Contrariamente à opinião geral que via na inculcação da ideologia nazi o suporte para essa resistência e coesão, os investigadores consideraram que as mesmas deveriam ser atribuídas «à satisfação regular de certas ne-

---

(6) Stouffer, Samuel et al; *Studies in Social Psychology in World War II*. 1949. Princeton University Press, Volume I. *Adjustment during Army life*; Volume II: *Combat and its Aftermath*; Volume III: *Experiments in Mass Communications*; Volume IV: *Measurement and Prediction*.

(7) *Cohesion and desintegration in the Wehrmacht in World War II*, in: «The Public Opinion Quarterly», XII (2), Summer 1948, pp. 280-304.

cessidades primárias da personalidade, satisfeitas de maneira regular pela organização social do exército» (8).

A actuação do militar estava pois relacionada com um conjunto de solidariedades informais — os grupos elementares — que previam as necessidades psicológicas mais prementes dos combatentes.

Mas outros factores foram igualmente detectados e que reforçavam o sentimento de solidariedade do grupo primário: a colocação de elementos *fanatizados* em algumas unidades combatentes, a homogeneidade ética e racial, a comunhão da vida em campanha e a rotação por unidades e não por indivíduos.

Seriam então os valores primários, a ligação do indivíduo ao pequeno grupo e não os valores secundários, a ideologia nacional-socialista, que a propaganda aliada deveria privilegiar na sua actuação sobre as unidades alemãs (trabalhos posteriores, produzidos durante a guerra da Coreia, mostraram que os laços de solidariedade não se estabelecem entre o combatente e a sua unidade, mas entre aquele e um ou vários camaradas para quem é dirigida a afectividade, apoiando-se mutuamente em tempos de crise).

Mas não foram só as Forças Armadas dos Estados Unidos que sentiram a necessidade de se apoiarem na sociologia.

Também em França, através de uma comissão mista de universitários, investigadores e oficiais, se inicia em 1959, na Escola Superior de Guerra (Exército de Terra), os estudos sociológicos dos exércitos franceses. Os trabalhos efectuados levaram à publicação em 1964 do livro «La crise militaire française: 1945-1962; aspects sociologiques et idéologiques» (9).

Um dos investigadores, Hubert Jean-Pierre Thomas, da Fondation Nationale des Sciences Politiques (F. N. S. P.), foi, anos mais tarde, encarregado de estudar os sargentos dos exércitos franceses, tendo para o efeito sido estabelecido um contrato (1967) entre a F. N. S. P. e o Ministério da Defesa.

Esta cooperação entre a Defesa e a Universidade, oficializada em 1967, permitiu a criação de um centro de investigação inteiramente dedicado à sociologia militar. Trabalhando segundo um estatuto inteiramente científico, o Centre de Sociologie de la Défense Nationale (C. S. D. N.) tem como finalidades, a par do desenvolvimento da Sociologia Militar e para além

(8) Shils e Janowitz, op. cit. p. 281.

(9) Girardet, Raoul et al., *La crise Militaire française: 1945-1962; aspects sociologiques et idéologiques*, Paris, Armand Colin, 1964.



da formação de estudantes estagiários (militares), proporcionar a investigadores, professores e estudantes civis e militares elementos de estudo e de pesquisa (10).

O estudo atrás referido sobre os sargentos dos exércitos franceses que culminou com a reforma da carreira para os sargentos do Exército de Terra, merece que nos detenhamos um pouco sobre ele.

Latente a partir dos anos sessenta, manifesta-se entre 1972 e 1974 uma dupla crise que afecta, singularmente, os sargentos do Exército de Terra francês.

Tendo como causas a opacidade das carreiras e a mediocridade das condições materiais e, como corolário, a degradação quantitativa e qualitativa do recrutamento, esta crise poderia afectar seriamente a eficácia das forças terrestres, onde cerca de 3/4 dos seus oficiais provinham, por diversas modalidades de recrutamento, do corpo de sargentos.

Conhecedores de que não existe no seio dos exércitos problema algum, humano ou organizacional, que não encontre a sua origem ou não manifeste os seus efeitos ao nível dos sargentos e que as suas funções, no tocante aos subsistemas ar e mar, relevam de uma condição parcialmente homotética da dos agentes do sistema industrial civil, enquanto as desempenhadas pelos sargentos de terra relevam de uma condição diferente e específica, os investigadores, apoiados em trabalhos preparatórios anteriores (11), definiram dois sistemas de referências cuja conflitualidade percorria o universo dos sargentos: o da técnica e o da instituição.

É a partir destes dois vectores que os investigadores definem o campo das atitudes no qual se inscreve o trajecto do sargento através da organização militar.

No primeiro, o da técnica, o Exército de Terra, gerido por armas e serviços e não por especialidades como os Exércitos do Ar e do Mar, contrapõe ao pessoal dos serviços logísticos o das armas combatentes. Mas,

---

(10) Actualmente existem em França outras duas importantes instituições científicas que se dedicam ao estudo da questão militar. o *Centre d'Etudes et de Recherches sur l'Armée, Institut d'Etudes Politiques, Université de Toulouse I*, e o *Centre Interdisciplinaire de Recherches sur la Paix et d'Etudes Stratégiques* (C. I. R. P. E. S.) sob a direcção de Alain Joxe.

(11) A investigação foi precedida de oito pré-inquéritos junto do Exército do Ar e da Marinha (estatísticas de gestão, «dossiers» individuais, entrevistas não directivas, sondagens de opinião) e de um inquérito final nos três exércitos (150 questões) em que foram questionados seis mil sujeitos.

contrariamente ao que se poderia pensar, estes últimos não se apresentavam em posição subalterna perante os primeiros, antes exprimiam uma referência positiva e valorizada, a da aptidão para comandar homens prontos para o combate.

O segundo sistema de referência considerava a instituição como *organização* (no conceito da sociologia das organizações), ou seja como «um conjunto complexo de jogos entrecruzados e interdependentes através dos quais indivíduos, providos de trunfos muito diferentes, procuram maximizar os respectivos ganhos respeitando as regras do jogo não escritas que lhe são socialmente impostas, tirando sistematicamente partido de todas as suas vantagens...»<sup>(12)</sup>.

Esta referência revestia-se de sentidos diferentes. Por um lado era a instituição em si (interiorização dos valores militares e fidelidade) e, por outro, a especialidade, ou seja, a técnica exercida. E para cada um deles havia que ter em consideração o valor relativo da duração da carreira nas estratégias dos sargentos, tanto mais que o princípio que norteia a condição militar tradicional assenta no benefício do rendimento da situação conferida pela antiguidade.

Como conciliar dois tipos de duração de carreira, a do combatente e a do técnico, em que num se verificava a obsolescência das capacidades físicas e no outro a degradação do valor das técnicas relativamente às equivalentes civis? Cada uma delas requereria um tipo de duração de carreira.

Contudo, no Exército de Terra a distinção entre *técnicas de combate* e *industriais* não seria possível na medida em que este género de solução traduziria o recurso a dois sistemas de referências, sem que a relação à instituição pudesse eventualmente compensar a imperfeição de um relativamente ao outro.

Deste modo, a resolução destas dificuldades passou então pela adopção dos princípios da *profissionalização* e da *mobilidade*, agrupados segundo os três momentos da carreira do sargento: o recrutamento, o desenvolvimento da carreira e o seu fim.

Na fase do recrutamento pretende-se, em primeiro lugar, recrutar sargentos profissionais tendo em vista, sobretudo, a formação de futuros *ajudantes* e *ajudantes-chefes*. As normas de recrutamento prevêem assim que o candidato deve possuir, além da escolaridade obrigatória, um nível

<sup>(12)</sup> Crozier, op. cit. p. 10.

geral na selecção igual ou superior à média geral<sup>(13)</sup>. Em consequência, as escolas de sargentos devem passar a assegurar o essencial do recrutamento. Nestes locais de ensino, o insucesso na escolaridade pode conduzir à rescisão do contrato do alistado, se este o desejar. Segundo as condições do contrato, passado um ano, ou o alistado continua e tem garantido o acesso ao corpo de sargentos, ou retorna à vida civil.

Quanto ao desenvolvimento da carreira, este é visto sob o prisma da profissionalização e comporta duas fases. A primeira corresponde à formação (12 a 18 meses), a que se seguem dois anos de prática na especialidade; a segunda inicia-se, após quatro anos de serviço, com a admissão ao estado de sargento de carreira. Nesta fase assegura-se a formação e o aperfeiçoamento dos sargentos através de estágios previstos em tempos determinados da carreira.

Relativamente ao fim da carreira, a mesma é encarada segundo dois tipos de mobilidade.

A mobilidade interna que permite aos melhores continuarem a servir depois dos 15 aos 20 anos e ascenderem ao corpo de *sargentos-mores* — a elite do corpo de sargentos que exerce uma espécie de magistratura moral do corpo e lhe assegura o prestígio necessário — equiparado ao nível do *baccalauréat* da função pública.

A mobilidade externa, viabilizada por estágios de reconversão, que permite aos sargentos encontrar, fora do exército, as satisfações de uma autêntica segunda carreira, bem assim por bonificações de anuidades que asseguram um aumento das pensões em cerca de 20 % a todos aqueles que não estiveram em campanha e que, a partir desta reforma, serão bastante numerosos.

Estas medidas, aprovadas pelo Parlamento francês e implementadas pelo Governo, levaram à publicação do novo estatuto do sargento de carreira e ao recrudescimento do número de alistados a partir de 1974.

Transpondo para a Sociologia o que a O. C. D. E. considera relativamente ao conjunto das Ciências Sociais, poderemos afirmar que aquela ciência se apresenta «ao mesmo tempo, como instrumento de conhecimento e como meio de acção»<sup>(14)</sup>.

<sup>(13)</sup> Situada entre os 10 e 11, numa escala que oscila de 1 a 20.

<sup>(14)</sup> O. C. D. E., *Les Sciences Sociales et la politique des Gouvernements*, Paris, 1966, p. 32.

Não se criem no entanto ilusões. Apesar de só esta ciência permitir explicar aspectos do comportamento dos homens em grupo, podendo inclusive avançar previsões desse comportamento, as investigações apenas podem tentar descobrir as regularidades, não as leis.

Mas um outro aspecto interessa também tocar. A focagem sociológica da instituição militar ao utilizar da Sociologia geral os enquadramentos teóricos, os métodos e técnicas e as *teorias a médio prazo* que, para Merton, são os conceitos de grupos informais, de *status*, de papel e de função, provoca um conjunto de trocas de duplo sentido entre a sociedade militar e a sua englobante, a sociedade civil, na medida em que tal estudo aprofunda a elaboração da teoria e do método sociológico e a compreensão dos mecanismos sociais em geral.

### III. A INVESTIGAÇÃO NA SOCIOLOGIA MILITAR: ALGUNS OBSTÁCULOS

#### III.1. A instituição militar

O primeiro obstáculo que se coloca ao investigador da coisa militar é a própria instituição militar.

Marcada pela sua missão, pela potencialidade de se transformar em agente gerador de violência organizada e legítima em defesa de um povo ou de um território, pelo especial culto da tradição e de valores morais, pelo espírito comunitário muito vincado, pela sua natureza hierarquizada e conseqüente estrutura, as Forças Armadas institucionalizaram um conjunto de medidas tendentes a salvaguardar o segredo militar, a segurança da própria instituição, o seu relacionamento com o poder, a política e a sociedade no geral.

Apresentando-se, segundo Max Weber, como uma «organização social básica», mas respondendo a uma necessidade social histórica, as Forças Armadas vêem-se postas perante a necessidade de contrabalançar a segurança e o segredo militares com a compreensão da sua existência pela sociedade envolvente, de quem e para quem vivem, bem assim de acompanharem a evolução social, política e económica dessa mesma sociedade.

Algumas alterações marcadas pelo reconhecimento dessa necessidade se têm constatado ao nível do relacionamento das Forças

Armadas com as Ciências Sociais no geral, mormente a partir da altura em que essas mesmas ciências foram reconhecidas como importantes auxiliares na gestão e no comando da instituição.

Importa frisar contudo a necessidade de os exércitos se conhecerem cada vez melhor a si mesmos e, também, de melhor serem conhecidos pela sociedade civil. Esta necessidade advém, não porque actualmente seja moda falar-se de controlo das Forças Armadas ou de relações civil-militares no âmbito do poder, mas, como dizia Raymond Aron, porque «... a maneira como os homens se combateram foi sempre tão eficaz para determinar as estruturas da sociedade, como a maneira como os homens trabalharam» (15).

### III.2. *Reflexão teórica e investigação empírica*

Uma outra dificuldade relaciona-se com a posição do sociólogo relativamente à investigação.

É um dilema que todos os especialistas em ciências sociais conhecem bem: a oposição entre investigação empírica e reflexão teórica. Sendo uma questão por demasiado polémica para ser tratada em poucas linhas, dir-se-á apenas que os extremos destas duas posições (no contexto da sociologia militar) se caracterizam, a primeira, por aplicações pontuais, incidindo sobre problemas bem precisos e procurando resolvê-los, a segunda, por especulações teóricas sem qualquer utilidade prática aparente.

Se a investigação empírica pode não procurar compreender ou explicar, mas antes aperfeiçoar instrumentos de intervenção sobre o comportamento do homem, transformando-se em meio de manipulação, a reflexão teórica pode igualmente não fornecer produto útil algum para a acção a curto, médio ou longo prazo. Contudo esta oposição é mais fictícia do que real se ela supõe uma ruptura entre ambas, na medida em que as duas atitudes não são inconciliáveis, sendo mesmo complementares.

Na maioria dos casos, conforme nos diz Stouffer, a elaboração teórica explícita interpreta, compreende observações aparentemente inexplicáveis feitas no decorrer da investigação empírica.

---

(15) Aron, Raymond, *Une Sociologie des Relations Internationales*, Revue Française de Sociologie, IV, 3, Juillet-Septembre 1963, p. 311.

### III.3. *A diversidade das estruturas sociais*

Conforme foi salientado, deve-se à sociologia militar americana muito do que se tem produzido neste campo.

Esta circunstância leva qualquer investigador, que se queira dedicar ao estudo da instituição militar, à leitura e estudo dos principais sociólogos americanos. Deve no entanto ter-se presente que as Forças Armadas, tal como as sociedades em que se integram, são estruturalmente diferentes umas das outras.

As realidades sociais, os sistemas de valores e as práticas sociais americanas não são similares das europeias e, particularmente, das portuguesas, apesar de todas as similitudes que uma instituição universal como a militar possa apresentar.

Cada uma das diferentes Forças Armadas, como lugar de passagem para um grande número de cidadãos, reflecte no seu interior os diversos matizes da sociedade em que se banha como é visível, aliás, no exemplo sobre a integração racial no Exército dos Estados Unidos atrás relatado. O simples decalque de conceitos sociológicos americanos, produzidos de acordo com a sua própria «identidade nacional», não estarão, em princípio, adequados à análise de umas quaisquer forças armadas. Paraphraseando Gino Germani, poderíamos dizer que as teorias e métodos da Sociologia Militar, «apesar de se formularem em termos de universalidade, são produtos históricos, quer dizer: nasceram em contacto com certa realidade sociocultural e, por tal motivo, é possível que não possam transferir-se sem mais para outro tipo de realidade<sup>(16)</sup>.

### III.4. *O senso comum*

Um outro e não menos importante obstáculo à investigação nas Ciências Sociais, que toca também a Sociologia Militar, é o *senso comum*.

---

<sup>(16)</sup> Germani, Gino, *La Sociologia en la América Latina. Problemas y Perspectivas*, Ed. Universitária de Buenos Aires, 1964, p. 4.

Este outro código de leitura do real social aparece revestido com a forma de uma crítica ao vocabulário próprio, ao aparelho metodológico e aos conceitos teóricos da investigação sociológica.

Dizem os críticos que a reflexão sociológica pode ser interessante e que, inclusive, os problemas apresentados são importantes; mas as conclusões apresentadas são *evidentes*.

Para ilustrar esta *evidência*, consideremos o conhecido inquérito que Paul Lazarsfeld fez a soldados americanos estacionados na Alemanha logo após o armistício.

Em «The American Soldier» o autor apresenta algumas proposições que se prefiguram como afirmações de bom senso, fazendo-as acompanhar de breves comentários para «melhor evidenciar as reacções prováveis de numerosos leitores».

- «1.º Os indivíduos com nível de instrução elevado apresentam mais sintomas psiconeuróticos que aqueles cujo nível de instrução é baixo. (É um facto frequentemente comentado a instabilidade mental do intelectual, contrastante com a psicologia menos sensível do homem da rua.)
- 2.º Durante o serviço militar, os rurais mantêm geralmente um melhor moral — no sentido de moral das tropas — que os cidadãos. (Bem vistas as coisas, estão efectivamente habituados a uma vida mais dura.)
- 3.º Os soldados originários do Sul dos Estados Unidos suportam melhor o clima quente das ilhas do Pacífico do que os soldados do Norte. (Evidentemente, os habitantes do Sul estão mais habituados ao calor.)
- 4.º Os soldados rasos de raça branca têm mais aspirações a chegar a cabos ou sargentos que os soldados de raça negra. (Como não havia de ser assim, se a falta de ambição dos negros é quase proverbial?)
- 5.º Os negros do Sul preferem os oficiais brancos do Sul aos do Norte. (Não é do conhecimento geral que os brancos do Sul têm uma atitude mais paternal para com os seus *darkies*?)

- 6.<sup>a</sup> Os soldados americanos, na Segunda Guerra Mundial, mostravam-se mais impacientes por serem repatriados enquanto se combatia que após a rendição alemã. (Não se pode estranhar que as pessoas não tenham vontade de se deixar matar.)»

Haverá necessidade de equipas de especialistas, de dispendiosos inquéritos, de estatísticas para chegar a estas *evidências*? Não seria preferível considerá-las como dados e passar a um tipo de análise mais elaborada?

«Isto seria possível — continua o autor — se não houvesse que notar o pormenor interessante a respeito da lista apresentada. É que *cada uma das proposições que dela constam enuncia exactamente o contrário dos resultados obtidos em inquéritos.*

Na verdade os inquéritos efectuados levaram a concluir que os soldados de baixo nível de instrução estavam mais sujeitos a neuroses que os de nível de instrução mais elevado, que os habitantes do Sul não se adaptavam mais facilmente ao clima tropical que os habitantes do Norte, que os negros eram mais ávidos de promoção que os brancos, etc...

Simplesmente, se tivéssemos mencionado de início os resultados reais desses inquéritos, o leitor tê-los-ia igualmente qualificado de *evidentes*. Assim, o que é evidente é que há qualquer coisa que não funciona bem em todo este raciocínio (espontâneo) sobre a *evidência*. Seria, realmente, necessário voltá-lo do avesso, dado que, como se vê, qualquer espécie de comportamento humano é afinal concebível como *evidente...*» (17).

(17) Lazarsfeld, Paul F., *The American Soldier: an Expository Review*, in Cadernos GIS, n.º 9, Lisboa, 1979, pp. 57 a 59.



Os exemplos poderiam ser multiplicados, porquanto inúmeros estudos desta natureza foram feitos, principalmente a partir da década de cinquenta.

Independentemente de, em alguns casos, o senso comum e a investigação científica poderem chegar a idênticas conclusões, tem que se realçar o valor, a segurança das conclusões científicas em detrimento das *evidências* propostas pela apreensão imediata da realidade social.

De facto a perspectiva sociológica nada tem a ver com a familiaridade da realidade social. Não importa *reconhecer* esta realidade social mas antes *conhecer* o mundo a que pertencemos, os objectos que nele se diferenciam e as relações que com aquele e com estes os indivíduos e os grupos mantêm.

Apesar de o seu nome não ser pronunciado, a maioria dos trabalhos efectuados nas Direcções de Pessoal a propósito, por exemplo, de entradas e saídas de pessoal, de duração de carreira, de alterações de estatuto jurídico e regulamentar de uma certa categoria militar, etc., reportam-se, de facto, a uma Sociologia elementar.

Importa frisar que estes tipos de trabalhos, bem como o emprego abusivo de sondagens de opinião efectuadas por indivíduos não especializados, contêm os seus riscos.

É erróneo admitir que uma determinada realidade transparece directamente através, por exemplo, de dados estatísticos ou de qualquer outra modalidade de informação empírica.

Na realidade, essa informação para ser produzida teve que sofrer a influência de critérios e processos individuais ou institucionais quer na recolha de dados, quer no seu tratamento, quer depois na sua apresentação.

Nenhuma técnica é imparcial e até os dados aparentemente mais objectivos são obtidos através da aplicação de *grelhas*, cuja escolha não é, evidentemente, neutra.

Mas se para a Sociologia a aplicação das técnicas de medida objectiva é uma necessidade, para o sociólogo o seu emprego não é mais de um momento da investigação.

*Manuel Vasques Braz da Costa*

Major de Infantaria  
Licenciado em Sociologia